

Um possível fragmento de *bucchero nero* Etrusco na Travessa das Dores – Ajuda (Lisboa)

VASCO NORONHA VIEIRA¹

RESUMO

Este artigo tem como objectivo noticiar o surgimento de um fragmento encontrado na Travessa das Dores em Lisboa no final de 2012, que possivelmente pertencerá a produção etrusca denominada *bucchero nero*.

ABSTRACT

This article reports the finding of a possible fragment of etruscan *bucchero nero*, found in Travessa das Dores, Lisboa in late 2012.

1. O local e circunstâncias do achado

- O fragmento aqui apresentado, surgiu na Travessa das Dores, em Ajuda-Lisboa (Fig.1), durante o processo de um acompanhamento arqueológico em âmbito de obra efectuada pela Dra. Inês Castanheira em Setembro de 2012. Surgiu de forma descontextualizada, o que dificulta a sua interpretação dentro do enquadramento do sítio.



Figura 1
Excerto da Carta Militar
de Portugal - 125000 -
n-431.

Como consequência destes trabalhos de peritagem, desde Outubro de 2012 que se efectuam escavações arqueológicas na Travessa das Dores, numa área um pouco mais a Norte do local onde foi descoberto este fragmento. Numa primeira fase, dirigida pela Dra. Ângela Ferreira, e numa segunda fase pelo Dr. Nuno Neto e Dr. Paulo Rebelo da NEOÉPICA, das quais participei, trabalhos estes que se encontram ainda em curso, no momento da elaboração deste artigo.

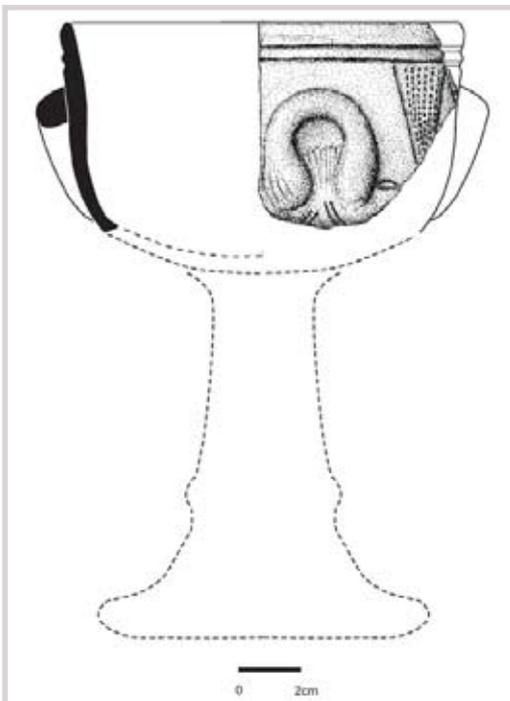
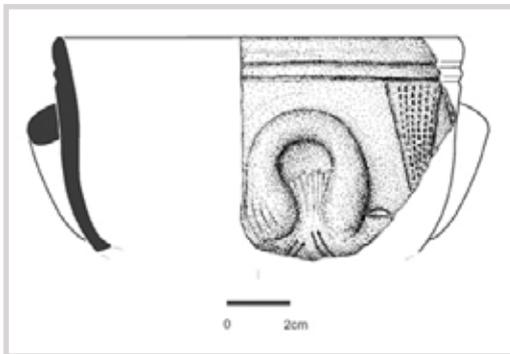


Figura 2, 3 e 4

2. Descrição e interpretação

O fragmento em questão corresponde a bordo e parte de bojo com formato globular, apresentando um diâmetro de 12,3cm. Possui uma pasta cinzenta escura, depurada e um revestimento de verniz negro brilhante tanto na face externa como interna.

O bordo é de secção semi-circular com duas caneluras paralelas incisas no exterior e a decoração consiste em linhas verticais pontilhadas por meio de *rudecilla* formando um leque fechado, linhas incisas e um semi-círculo, que parece indicar possivelmente uma linha horizontal que ostentaria este padrão. Interessante é a presença de uma asa cega em rolo, certamente com um propósito meramente decorativo, o que parece implicar a ausência de asas horizontais ou altas, mais consistentes com as produções deste tipo. A face interna não apresenta qualquer tipo de decoração, apenas um alisamento de superfície.

A identificação da forma é uma questão bastante interessante, pois à partida, aparenta tratar-se de um cálice, forma característica destas produções etruscas (BRAMÃO et al, 1995, p.28; DICUS, 2007). Mas a ausência de uma carena acusada usualmente presente nestas formas parece apontar para uma variante de copos de pé alto ou até mesmo mais raso, com corpos mais globulares sem a carena. Um possível paralelo, em termos formais pode ser vista no British Museum (Perkins, 2007, p,36, 105), embora a decoração que esta apresenta seja diferente. O exemplar Londrino apresenta uma cronologia entre 575 e 550 a.C. A decoração em *rudecilla* é bastante comum nas formas de *bucchero* com produção do século VII a VI como parece ser este o caso (RASMUSSEN, 1979 *apud* STARITA, 2007, p.88)

Poderíamos por a hipótese deste fragmento pertencer a uma forma como um *kantharos* ou um *skyphos*, mas a presença da asa cega, mesmo sendo meramente decorativa não se coaduna com as asas verticais altas ou horizontais presentes nestas formas.

3. A importância do achado

A relevância em divulgar este fragmento, mesmo não associado a contextos seguros, prende-se com a sua raridade em âmbitos arqueológicos em Portugal. Não existe paralelo conhecido na região de Lisboa, e as peças existentes encontram-se integradas em museus e coleções privadas, nomeadamente o Museu Nacional de Arqueologia.

É igualmente de relevante importância assinalar o sítio onde surgiu, marcando assim um novo ponto geográfico na região olisiponense para a possível presença de comunidades das II Idade

do Ferro. Neste caso fora do núcleo central onde tem surgido com mais frequência, nomeadamente na colina da Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS, SANCHEZ, 2000), e na margem sul do Tejo, na colina do Almaraz (BARROS e tal. 1993). Neste caso, num local geograficamente estratégico bem próximo das margens do Tejo.

A Travessa das Dores, é uma zona que topograficamente apresenta um declive acentuado, no sentido Norte-Sul, em direcção ao Rio Tejo. Não estando para já indicada na área intervencionada a existência de estruturas de índole habitacional, comercial ou militar para os períodos da Idade do Ferro, ou até Romano Republicano (os resultados das escavações deverão ser esclarecedoras neste sentido), a existirem, estarão numa cota mais elevada em relação ao local do achado. Escorrências de sedimento em vertente transportando este fragmento (associado ou não a outros materiais da Idade do Ferro ou já romanos) deverão explicar a sua presença no local do achado.

A Tapada da Ajuda, não muito longe da Travessa das Dores, já foi referenciada com ocupação da Idade do Bronze (CARDOSO e SILVA, 2004), e fica bem perto do denominado Rio Seco (actual Rua Rio Seco e Rua Diogo Cão), locais propícios para uma presença ocupacional.

Na região do Mediterrâneo, da Espanha à Turquia, uma grande percentagem de *bucchero* encontrada, está associada ao transporte de bronze, mas igualmente à de ânforas, nomeadamente para o transporte de vinho (STARITA, 2007, p.99). Esta é uma associação lógica tendo em conta a funcionalidade das formas de *bucchero* mais comuns fora da península Itálica – os *Kantharos* e os Cálices. A primeira forma, primordialmente para servir vinho, e a segunda para o consumir.

Não podemos para já associar este fragmento a materiais de importação deste género, devido à ausência de informação contextual e estratigráfica, mas apesar disso, e da ausência dos dados das intervenções arqueológicas, é possível propor algumas ideias sobre o significado desta peça, e da sua presença neste local.

Trata-se de um objecto de importação de grande qualidade, que dificilmente não estará associado a uma presença de comunidades da Idade do Ferro ainda por identificar na zona circundante do núcleo de *Olisipo*. Não estaria certamente ao alcance de qualquer um, podendo provir de contextos comerciais directos ou associados a importações vinícolas. Pode no entanto estar relacionado com uma presença militar romana de período Republicano, fonte de transporte de materiais deste género, como um artefacto ocasional.

4. Algumas Considerações Finais

Estas interpretações devem ser lidas com devida cautela, e são meramente especulativas com base nos dados existentes de momento, mas era relevante divulgar desde já este achado único para ajudar ao estudo da presença cultural etrusca não só no território de *Olisipo*, mas em contextos portugueses, onde a sua identificação é escassa.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A.M.; FREITAS, V.T.; SÁNCHEZ, J.V. (2000)** – As Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 3. n.º2, p. 25-59.
- BARROS, L. de. CARDOSO, J.L. (1993)** – Fenícios na Margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz – Almada In *Estudos Orientais*. 4, p.143-181.
- BLAZQUEZ, J.M. (1960)** – La Colección inédita de bucchero etrusco del Museu Arqueológico Nacional de Madrid. In *Zephyrus*. Volume XI. p. 141-150.
- BRAMÃO, L. BUSTORFF, S. SÁ, B. (1995)** – *Um Gosto Privado Um Olhar Público*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa.
- CALADO, M. (2008)** – *Olisipo Pré-Romana. Um Ponto da Situação*. Apenas Livros, Lda. Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1995)** – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: Um ensaio In *Conimbriga*. XXXIV, p.33-74.
- CARDOSO, J.L.; SILVA, I.M. (2004)** – O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7. n.º1, p. 227-271.
- DICUS, K. (2007)** – An Etruscan Bucchero Chalice in the Kelsey Museum of Archaeology In *Bulletin of the University of Michigan*. Volume 17. Disponível [online] em <http://hdl.handle.net/2027/spo.0054307.0017.103>, consultado em 2013-08-12.
- HAYES, J. (1985)** – *Etruscan and Italic Pottery in the Royal Ontario Museum*. Royal Ontario Museum. Toronto.
- PERKINS, P. (2007)** – *Etruscan Bucchero in the British Museum*. British Museum Research Publications.
- RASMUSSEN, T. (1979)** – *Bucchero Pottery from Southern Etruria*. Cambridge. Cambridge University Press.
- STARITA, H. (2007)** – *Impasto and Bucchero pottery in the Nicholson Museum*. A Thesis Submitted in Fulfilment of the Requirements for the Degree of Master of Philosophy. Faculty of Arts. University of Sidney.

NOTAS

- ¹ Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.